



VOZ DA FÁTIMA

Um novo ano que se aproxima é sempre uma esperança que renasce no coração dos homens. Esperança de paz, de ventura, de tranquilidade, de progresso, de amor, de felicidade. E sê-lo-á, se quisermos tudo o que Deus quer e não quisermos o que Deus não quer. Pois como PAI que é, Deus só pode querer para os seus filhos o BEM e a FELICIDADE, ainda que por caminhos diferentes dos nossos. Que se faça a Vontade de Deus e todos nos dispunhamos a aceitá-la alegremente no 1976 que aí vem.

Director: Padre Joaquim Domingues Gaspar
Propriedade e impressão: «Gráfica de Leirla» — Telefone 22336
Redacção e Administração: Santuário da FÁTIMA — Telefone 049 97182

ANO LIV N.º 639
13 DE DEZEMBRO DE 1975
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

A Paz da Justiça e da Verdade

SAIU há dias a público a Mensagem do Papa para o próximo Dia Mundial da Paz, 1 de Janeiro de 1976. E foi oportuna essa publicação, para nós portugueses, que nos últimos dias temos vivido uma fase de tensões sociais e políticas, de confrontações ideológicas, de uma certa anarquia perante a autoridade, sobretudo no sector militar; de greves e manifestações, de ameaças de guerra civil, etc.. Alguns até temeram o pior, que de facto se deu com a sublevação dos pára-quedistas. O que determinou o estado de sítio, como é do conhecimento geral.

Por detrás têm estado os grupelhos e as minorias a pretenderem à força impor ao País as suas ideologias, servindo-se para isso de todos os meios ao seu alcance, mesmo violentos, com a convívência e apoio de certos meios da comunicação social.

É compreensível a sua atitude. Tais minorias fizeram o assalto à máquina administrativa, económica e cultural do País, durante os longos meses de anarquia que precederam as eleições para a Assembleia Constituinte. Ocuparam postos de decisão a todos os níveis, que agora os resultados eleitorais pelas suas percentagens não lhes reconhecem democraticamente direito de continuarem a ocupar. Em face da situação, uma de duas: ou aceitam os resultados do voto livre e democrático e têm de abandonar os lugares ocupados (o que não lhes agrada),

ou vão para a imposição pela força apregoando um socialismo, que nem é livre, nem pluralista, não passando de uma nova ditadura.

Mas o País reage e não se conforma com tais métodos. Daí, as tensões e o ambiente de insegurança ou instabilidade em que se tem vivido.

Não podemos cruzar os braços perante tais situações, e somos convidados a construir a paz e a fraternidade entre todos os portugueses. As palavras da Mensagem do Papa a isso nos convidam. Diz ele, com efeito: «A Paz é obra de uma terapia continuada; a sua saúde é por natureza precária, sendo como é composição de relações entre os homens prepotentes e volúveis; ela exige um esforço contínuo». Para lá deste esforço, Paulo VI acrescenta que «é necessário algo mais»: «São necessárias sobretudo as armas morais».

Há forças no País dispostas a implantar as suas ideologias totalitárias sem o mínimo respeito pelas liberdades e o bem geral do povo

português, à força e pela violência. Os acontecimentos estão à vista de todos a confirmá-lo. E só a aceitação do bem comum da nação, que está acima de todos os partidarismos, nos pode unir e gerar a paz. São «as armas morais», de que fala o Papa, o critério do bem de todos acima de qualquer egoísmo ou interesse particular.

Paulo VI quis terminar a sua Mensagem com um apêndice, dirigido aos «seguidores do Evangelho», recordando-lhes que o «Senhor é explícito e exigente no que se refere a este ponto da paz desarmada de quaisquer instrumentos, e armada somente de bondade e amor». «Por conseguinte, nada de represálias, nada de vinganças. Quantas vezes no Evangelho é recomendado o perdão, não como acto de vil fraqueza, ou de abdicação perante as injustiças; mas, sim, como sinal de caridade fraterna, erigida em condição para podermos obter nós mesmos o perdão, bem mais generoso e para nós necessário, da parte de Deus!»

O Santo Padre finaliza com as seguintes palavras que bem devemos aplicar a nós mesmos: «A Paz impõe-se somente através da paz, daquela paz nunca separada dos deveres da justiça, mas alimentada pelo sacrifício de si próprio, pela clemência, pela misericórdia e pela caridade».

S. L.

A Imaculada e o Natal

A Santa Igreja celebra a festa da Imaculada Conceição no dia 8 de Dezembro de cada ano.

É tão belo que a festa da Imaculada ocorra precisamente no Advento, a poucas semanas do Natal de Jesus! Maria aparece-nos, assim, como uma aurora puríssima que anuncia o dia, como o astro da manhã que anuncia o Sol.

Todo o Advento é tempo mariano: Maria está presente, pois foi Ela que nos deu Jesus.

Interessante que uma das mais belas festas de Nossa Senhora, precisamente aquela que celebra o primeiro dos seus privilégios, exalte o carácter mariano deste tempo, que se conclui com o Natal. «Por Maria a Jesus» — repetimos, uma vez mais. E, na verdade, celebrando a Mãe, nos preparamos dignamente para celebrar o Filho.

Num mundo e num tempo que repudia o triunfalismo (e que vê, até, triunfalismo nas mais legítimas manifestações exteriores) procuramos dar importância ao santuário do nosso coração. É neste santuário que renovaremos, sob o amparo de Maria, nestes dias de preparação do Natal, os nossos compromissos baptismais. Assim, a festa do Nascimento de Cristo nos encontrará bem preparados: a própria Virgem Maria tornará a formar Jesus, mas, desta feita, em nós, os cristãos, para O apresentarmos ao mundo que d'Ele tanto necessita.

Ante o berço do Menino

Porque nasceste, Jesus,
Entre palhinhas doiradas?
Porque será que é de luz
Tua vida, que anuncia
A maior das alvoradas?

Tua vida é o Novo Dia!
— Novo Dia, que nos traz
Uma aléluia de paz,
De mais justiça no Mundo!

Ó geração de Moisés,
Ergue teu grito jucundo
E saúda esse Menino
E cobre de ouro os seus pés!

— Homem que passas, irmão,
Representa esse Bambino
Coração, só coração!

E o Menino está dormindo.

Olha-o com olhos de luz
A Senhora sua Mãe.
E ele tem um sonho lindo:
— Abrir-se nos corações,
Como flor, a flor do Bem!

(E através de gerações
Esse sonho vem sorrindo,
Desde o Berço de Belém!)

A. GARIBALDI



«O Cristão acredita na Providência mas não no Fatalismo»

— afirmou o Sr. Bispo de Aveiro na homilia da missa das 12 h do dia 12 de Outubro de 1975, Dia Mundial das Crianças, transmitida pela R. T. P.

1. Estamos a celebrar a sagrada Eucaristia em Fátima, na capelinha que assinala o sítio onde, em 1917, a Virgem Maria apareceu aos três pastorinhos.

1917 foi um ano agitado na história do mundo. A Europa debatia-se ainda numa guerra atroz. Ao mesmo tempo, num grande país do leste europeu, de fundas tradições cristãs, dava-se a Revolução de Outubro. Os videntes, pouco versados em questões de Geografia e de História, terão porventura ouvido falar aqui, neste lugar, pela primeira vez, da existência da Rússia e da Revolução que aí se desencadeara. Era como uma grande barragem que rebentara subitamente e iria convulsionar o mundo na torrente impetuosa das suas águas.

Quem vier depois de nós poderá verificar, através dos dados da história, que secretas relações terão existido, nos planos da Providência, entre a Revolução ensanguentada de Outubro e a Mensagem de penitência e de paz anunciada em Fátima pela Mãe de Deus; que elos subterrâneos terão ligado, na história concreta da salvação, os dois países colocados nas duas extremidades da Europa: um, imenso, a perder-se pela vastidão da Ásia; outro, minúsculo, debruçado sobre o Atlântico e voltado para a África e para o Novo Mundo.

2. A hora que estamos a viver é uma hora de insegurança, de incertezas e de dores. É também — temos razão para o repetir aqui, em Fátima — uma hora de esperança. Mas a esperança passa pelo sofrimento. Irmãos nossos sentem dolorosamente na sua carne e no seu espírito as convulsões da viragem — a maior viragem de toda a nossa história nacional. O espectáculo do aeroporto de Lisboa que todos os dias se reenche de refugiados, com a desilusão e a cólera estampadas no rosto, é a expressão mais confrangedora da provação pela qual está atravessando o País.

Não é a hora de formular juízos nem de apurar responsabilidades — sejam elas individuais ou colectivas — mas, a partir da Palavra de Deus, que acaba de ser proclamada, de fazer chegar *um apelo* aos que estão aqui, fisicamente presentes, e àqueles que, através da Televisão, nos vêem e nos escutam: *um apelo à esperança, à confiança, à conversão e ao amor.*

3. A história é feita pelos homens; e os homens são seres dotados de liberdade e de criatividade; por isso mesmo, eles têm de assumir a sua quota parte de responsabilidade na construção do mundo. O cristão acredita na Providência mas não no Fatalismo.

Como o pedreiro que ergue a parede, devíamos todos nós ter sempre à mão o nível e o prumo — isto é, proceder com justiça e equidade — para não ter necessidade de desfazer hoje o que se fez e obrigar-se a si mesmo, ou os outros, a voltar de novo ao princípio.

Muitos, porventura sem culpa pessoal, vêm-se na triste necessidade de recomeçar a vida outra vez. São famílias que a escalada da violência destroçou; que se viram, de um dia para o outro, sem mais haveres que a roupa que trazem vestida; que esperam o regresso de alguém que tarda em voltar; que aguardam um

juízo justo do qual depende o pão e a liberdade; que anseiam por que cessem finalmente estruturas ou condições de exploração e de injustiça.

4. Coragem, irmão! Por maiores que sejam as tuas provações, Deus não te abandona.

Mesmo que a tua cólera seja justa, não deixes que a erva daninha do ódio envenene o teu coração: vence o mal com o bem!

Mesmo que tenhas perdido, de repente, o fruto de um trabalho honesto, não deixes que os braços te caiam de vez.

Mesmo que o sonho de muitos anos se tenha desfeito num abrir e fechar de olhos, continua a ter esperança. «O Senhor Deus — são palavras do profeta Isaías lidas hoje — enxugará as lágrimas de todas as faces». Não é utopia. Onde acaba a capacidade do homem, começa a esperança do cristão.

5. Um conhecido jornalista contou há pouco a sua história. Um bombardeamento aéreo matara-lhe um dos filhos — um rapaz. O casal resolveu, de comum acordo, reconstituir a família. Na vez de um rapaz, nasceu uma menina. Uma menina que o tempo foi mostrando ter uma doença incurável: era mongoloide! A nada se pouparam aqueles pobres pais para diminuir os efeitos da horrível doença. Enquanto se empenhavam nesta luta, às vezes com assomos de revolta e desespero, foram descobrindo, pouco a pouco, como quem desvenda um mundo desconhecido, o sentido daquilo a que o jornalista deu o nome de «desgraça sem culpa» — *le malheur innocent!* Uma descoberta dolorosa, decerto, mas insuspeitada, empolgante e, por fim, consoladora.

Hoje que os filhos mais velhos bateram as asas e partiram, e que o Senhor lhe veio buscar a esposa amada, é a filha mongoloide, com um grau de inteligência bastante abaixo do normal, que toma conta da casa e acompanha o velho jornalista, agora com mais de 70 anos, na sua solidão e na sua velhice.

6. É sinal de sabedoria aceitar os acontecimentos como eles são, mesmo os mais dolorosos. Através deles, quem sabe se não é a mão de Deus que se nos estende? Desta sabedoria é um exemplo S. Paulo. «Sei viver modestamente — escrevia ele aos amigos de Filipos, agradecendo-lhes uma dádiva que, vinda deles, lhe chegara à prisão em Roma — sei viver modestamente e sei viver na abundância. Em todo o tempo e em todas as situações estou preparado para comer com fartura e para passar fome, para viver na abundância e para viver na penúria».

Quando se está assim «preparado», as viragens da fortuna são menos dolorosas.

7. Não quer dizer que neguemos o valor às coisas e cruzemos os braços, como se este mundo fosse *apenas* «um vale de lágrimas» por onde nos é forçoso passar. Não! Ninguém como S. Paulo foi vigoroso em verberar quem, por supostos motivos religiosos — do fim do mundo que estaria para breve! — se recusava a trabalhar. «Quem não quer trabalhar não tem direito a comer» — escreveu ele aos cristãos de Salónica.

Mas a verdadeira sabedoria está em não inverter a hierarquia das coisas (recusando o convite — convite *essencial* — sob pretexto dos campos e dos negócios, como refere o Evangelho de hoje).

Quando tal sabedoria se põe de parte, é fácil descair em novas formas de idolatria e de escravidão.

Que a *Sede da Sabedoria* — título com que a liturgia decorou a Mãe do Salvador — nos ensine a todos nós e nos leve a que, «no meio das mudanças deste mundo, os nossos corações estejam onde se encontram as verdadeiras alegrias»: ou, como diz o belo texto latino: «ut, inter mundanas varietates, ibi nostra fixa sint corda ubi vera sunt gaudia». É nisto que consiste a autêntica sabedoria.

8. Estamos em Fátima.

Fátima não é uma bandeira de anti-comunismo estéril, mas um lugar de conversão e de aprofundamento da fé. Deste modo ela será também, numa Pátria dilacerada, um lugar de encontro, de reconciliação e de paz. Não pode nem deve servir para outro fim o regaço da Mãe.

O Cardeal-Arcebispo de Cebu (Filipinas) presidiu à Peregrinação de 13 de Novembro

Com a presença de alguns milhares de peregrinos, decorreram em ambiente de fervor os actos religiosos em honra de Nossa Senhora da Fátima na peregrinação mensal de Novembro. Presidiu o cardeal Júlio Rosales, arcebispo de Cebu, Filipinas, que regressava de Roma com um grupo de 30 peregrinos do seu país.

Foi o arcebispo de Cebu quem presidiu à concelebração realizada no altar-mor da Basílica com a participação de dois bispos de Leiria e de mais 13 sacerdotes. Antes da missa, os peregrinos incorporaram-se na procissão com a imagem desde a capela das aparições.

Depois da leitura do Evangelho, fez a homília o P. Manuel Luís, dos Capuchinhos da Fátima, que falou aos peregrinos na necessidade da oração em reparação dos pecados da Humanidade, tal como pediu a Santíssima Virgem na Fátima.

Comungaram muitos peregrinos, entre os quais os doentes que receberam a bênção do Santíssimo Sacramento dada pelo cardeal-arcebispo de Cebu.

No fim da missa, o sr. Bispo de Leiria pediu orações pelo Papa e pelas necessidades do povo português nesta hora grave da sua história.

Os actos terminaram com a procissão de retorno da imagem à capela das aparições.

O sr. bispo de Leiria ofereceu ao cardeal filipino uma imagem da Virgem da Fátima.

CRISTO NO MUNDO

● INSTITUTO DE MISSIOLOGIA

Na Faculdade de Teologia de Burgos, no Norte da Espanha, foi recentemente criado um Instituto de Missiologia. Terá como objectivo promover a investigação no campo dos estudos relativos aos problemas missionários e divulgar validamente os trabalhos realizados.

A criação deste Instituto de estudos missionários vem ao encontro do desejo manifestado pelos Padres do II Concílio do Vaticano, ao escreverem no Decreto sobre a Actividade Missionária da Igreja (26): «Há também pessoal preparado de modo mais profundo em Institutos missiológicos ou noutras Faculdades ou Universidades que possa desempenhar cargos de maior responsabilidade, e, com a sua ciência, auxiliar os outros missionários no exercício da obra evangelizadora, que é, na hora actual, tão difícil e tão oportuna».

● SEMANÁRIO CATÓLICO AFRICANO

Após várias dificuldades, especialmente de carácter económico, e seis meses sem se publicar, reapareceu em Cotonou, no Daomé (África Central), o semanário católico «La Croix». O seu reaparecimento foi possível graças às ofertas de católicos alemães e suíços e ao apoio de benfeitores e leigos do Daomé.

● OFERECER UM CRISTO JOVEM AOS JOVENS

Um grupo de jovens brasileiros da região do Amazonas, conscientes das suas responsabilidades de revelar Cristo aos jovens seus irmãos, procuraram uma forma de levar um Cristo jovem aos jovens de hoje. Com essa finalidade, servem-se sobretudo de canções, de teatro e outras formas sensíveis à Juventude actual. O seu êxito, após uma séria preparação de alguns meses, foi enorme, sendo agora solicitado para os mais diversos locais.

LIBERTAÇÃO CRISTÃ

A libertação cristã tem um poder regenerador: torna-nos bons, optimistas, ágeis, inteligentes em fazer o bem, para além do nosso interesse. Desprende-nos dos vínculos do egoísmo, do medo, da preguiça, e permite à nossa livre personalidade expandir-se no sentimento e na actividade social. Os homens apresentam-se, não já como massa premente de estranhos, concorrentes ou inimigos, mas como multidão atraente formada por semelhantes, companheiros, irmãos nossos, aos quais é um dever e uma honra amar e prestar serviço. O valor social da liberdade cristã brota da caridade que se tornou preceito e herança do seguidor de Cristo.

Uma concepção nova da vida exige que lutemos contra as desigualdades sociais e a riqueza egoísta, pondo de lado os sentimentos de ódio, de vingança e violência, que são contrários à liberdade e ao verdadeiro progresso.

PAULO VI — 1-7-74

Entretanto, convém ter presente o testemunho dum membro do grupo: «Sendo o nosso ideal o de dar um Cristo Jovem aos jovens de hoje, antes de nos apresentarmos em público fazemos sempre uma ou duas horas de adoração na capela, para nos enchermos d'Ele e formar uma grande união de espírito e de intenção.»

● PASTORAL NO MUNDO DA SAÚDE

Na Espanha, ligado ao Secretariado Nacional de Pastoral, existe a trabalhar um Departamento de Pastoral Sanitária, ao qual pertence animar, orientar e coordenar o trabalho que exprime a presença da Igreja na comunidade de saúde, através dos capelães de hospitais, religiosas, médicos, profissionais de enfermagem e demais pessoal ao serviço do doente. Procura-se, assim, realizar uma presença, viva e actual, na comunidade de saúde.

● NOVO TAIZÉ

O exemplo de Taizé está a frutificar na Alemanha, onde o convento franciscano de Ludwghaven decidiu acolher leigos e sobretudo jovens, num movimento a que se deu o título de «portas abertas».

Os leigos e os jovens poderão viver na

O antigo Superior da Consolata foi nomeado Bispo

Esteve na Fátima, a caminho da sua diocese, no Brasil, Dom Aldo Mongiano, que, no dia 5 de Outubro, foi ordenado bispo titular de Nasai e Prelado de Roraima, no Brasil. Dom Aldo viveu na Fátima de 1947 a 1957 e aqui exerceu o cargo de superior do Seminário das Missões do Instituto da Consolata, sucedendo ao fundador deste Seminário, P. João De Marchi.

O novo Bispo de Roraima foi ainda superior da Missão da Machava em Lourenço Marques (Moçambique) e superior regional da Congregação da Consolata naquele Estado. Aqui foi ainda encarregado de vários sectores da vida missionária a cargo dos padres deste Instituto.

A passagem do novo bispo foi motivo para encontro de padres (superior, provincial, professores e directores dos Seminários do Instituto da Consolata), antigos alunos e numerosas pessoas amigas da Fátima que lhe testemunharam o seu apreço e manifestaram o seu regozijo pelo novo ministério nas missões brasileiras.

Objectos encontrados no Santuário

NO MÊS DE OUTUBRO

3 malas (carteira), 3 echarpas de senhora, 3 casacos de malha (senhora), 1 casaco de malha (criança), 3 lenços da cabeça, 1 avental, 1 Bíblia e uma Oração do Tempo Presente, 19 carteiras de senhora (porta-moedas), 4 carteiras de homem com documentos, 7 Terços, 3 pares de óculos, 4 relógios de pulso de senhora, 2 anéis de ouro e um brinco, 1 fio de prata, 1 caneta (esferográfica), 1 livro de cheques, 1 boné de homem e um gorro de criança, 1 véu de senhora, 1 chave, 1 almofada pequena, 1 «Cantemos Todos».

NO MÊS DE NOVEMBRO

1 saco de viagem, 1 chaile de lã, 1 guarda-chuva (homem), 1 chave, 2 porta-moedas, 3 livros diferentes e 1 chaveiro com chaves.

comunidade franciscana sem pertencer à Ordem. A única condição exigida é de viver segundo o Evangelho.

A pastoral juvenil preocupa particularmente a Igreja e, por isso, já se sugere como tema para o próximo Sínodo — a juventude. Foi de facto esta a sugestão de dois grupos de trabalho do Sínodo 1974: o anglofónico, presidido pelo Cardeal Conway, e o francês, presidido pelo Cardeal Marty.

Apoiando tal proposta, D. Power, Bispo de Antigonish, no Canadá, disse: «Gostaríamos de ser prevenidos antes da decisão final, para consultarmos os jovens do Canadá». O próximo Sínodo será em 1977.

● PRÁTICA DOMINICAL NOS ESTADOS UNIDOS

Numa sondagem realizada entre 6.261 cidadãos norte-americanos, de idade superior a 18 anos e distribuídos por 300 locais previamente escolhidos, em ordem a oferecer uma certa representatividade, verificou-se que o nível de prática dominical se mantém, mais ou menos, estável com 55% para os católicos (era de 57%, há dois anos) e de 37% para as Confissões Cristãs não-Católicas. Ao mesmo tempo, nota-se um certo aumento de 41% para os de idade compreendida entre os 18 e os 30 anos e de 66% para os maiores de 50 anos.

O ANO SANTO está a terminar

Na véspera do Natal, termina o Jubileu deste Ano Santo de 1975 com a possibilidade de lucrar o dom da indulgência própria, e o Papa encerrará a chamada Porta Santa da Basílica do Vaticano até ao próximo Jubileu que será, normalmente, daqui a 25 anos.

Com o encerramento deste maravilhoso Ano Santo, previamente vivido e celebrado nas Igrejas locais, não deve, porém, terminar a sua influência na nossa vida de homens e de cristãos. Há que continuar os esforços de renovação da nossa vida — interior e exterior — e de reconciliação permanente, difundindo o Amor de Deus e impregnando d'Ele a sociedade em que vivemos. E haverá Paz e Justiça e Liberdade entre os homens.

O Ano Santo tem de continuar na abundância dos seus frutos.

PARA OS MAIS PEQUENOS

A flor e a estrela

Em casa, o pai conversa com os seus três filhinhos. São eles o João, a Maria e o Zézito. É domingo, depois de a família ter dado um passeio e visitado uma família pobre, a quem levaram um pouco de amizade, alegria e conforto material. Ouçamos a conversa:

Pai — Hoje, vou contar-vos outro conto. Vamos a ver que lição podemos tirar dele.

João — É o pai que o inventa?

Pai — Não. É um conto muito bonito de Ruben Dario.

Maria — Quem é ele?

Pai — É um grande escritor e poeta espanho-americo, que morreu nos princípios deste século.

Zézito — Conte, conte...

Pai — Era um vez um homem que tinha uma rosa, nascida do seu coração.

Maria — Como é isso possível?

João — Não vêes que é um conto!..

Zézito — E nos contos passam-se coisas que não acontecem na realidade. Continue, paizinho.

Pai — O homem gostava muito da rosa.

Zézito — Claro. Tinha nascido do seu coração!..

João — Não interrompas, senão o paizinho não pode contá-lo.

Pai — A rosa, além de cheirar muito bem, cantava como um pássaro. Assim, ao mesmo tempo que exalava perfume, produzia harmonia. Diz Ruben Dario que o seu aroma era doce como o de uma estrela, se o tivesse. Mas, um dia, o anjo Asrael passou pela casa do homem feliz e fixou os olhos na flor.

Maria — Que anjo é esse? É a primeira vez que oiço falar nele.

Zézito — Eu só conheço S. Gabriel, S. Rafael e S. Miguel. Mas esse Asrael... Quem é, paizinho?

Pai — É o anjo da Morte. A rosa começou a tremer e a murchar sob o olhar do anjo. O homem pôs-se muito triste. A rosa ia ficar sem o seu perfume e sem o seu canto harmonioso. E...

Maria — Que fez ele?

Pai — Invocou a Deus, dizendo: «Senhor, para que queres tirar-me a flor que me deste?» E brilhou uma lágrima nos seus olhos. Então, Deus Bondoso, por causa desta lágrima, compadeceu-se do homem e disse ao anjo da Morte:

«Asrael, deixa viver essa rosa. Em vez dela corta uma qualquer das que há no meu jardim azul.»

Zézito — Que jardim é esse?

João — Estás a ser aborrecido! Pois, já se sabe qual é.

Zézito — Então, diz-me lá, que eu não sei.

João — Pois... o jardim azul de Deus é...

Maria — É o céu! Não é, paizinho?...

Pai — Exactamente: o céu. Quer dizer: o firmamento. E as flores desse jardim são...

Zézito — São as estrelas. Agora já percebo. Mas o João também não sabia.

João — Sabia, sim, senhor. Tu é que não me deixaste acabar.

Maria — Continue, paizinho. Que é que se passou?

Pai — O anjo Asrael foi-se embora. A rosa voltou a viver e a cantar, e o homem encheu-se de alegria. Mas o anjo foi ao céu e cortou uma estrela que se apagou.

O conto acaba aqui. E, agora, vamos pensar: Quem é essa estrela que morreu ao ser cortada pelo anjo da Morte?

João — Jesus Cristo.

Pai — Porquê?

João — Porque Jesus Cristo morreu por nós.

Maria — E Jesus é a estrela maior do Céu.

Pai — E com a sua morte deu-nos a nós a vida, não é assim?

Todos — Sim, paizinho.

Zézito — Queria ainda perguntar uma coisa.

João — Já sei: O que é a rosa que cheira e que canta, não é?

Zézito — Acertaste.

Pai — Gosto disso. Então, vamos a ver: O que representa a rosa? Não sabeis? Vou fazer, primeiro, outra pergunta: O que representa o anjo da Morte? — O pecado.

João — Então, a rosa é...

Pai — É a alma em graça, que está sujeita a morrer com o pecado. E, para que não morra, Jesus Cristo deu a Sua Vida. Percebestes agora?

Todos — Sim, paizinho.

(Adaptação de «El Rosario», Fev. / 75)

PAULO VI, PARA O «DIA DA PAZ»:

A Paz constrói-se com outras armas que não aquelas que se destinam a matar

Com data de 18 de Outubro, Paulo VI publicou a sua mensagem para o próximo «Dia Mundial da Paz», que se celebra em 1 de Janeiro.

Dessa mensagem são as breves passagens que, a seguir, publicamos:

«É preciso, antes de mais nada, proporcionar à Paz outras armas, que não aquelas que se destinam a matar e a exterminar a humanidade. São necessárias sobretudo as armas morais, que dão força e prestígio ao direito internacional; aquela arma, em primeiro lugar, da observância dos pactos: «Pacta sunt servanda» (os pactos devem ser observados); é um axioma válido, ainda hoje, para a consistência das conversações efectivas entre os Estados, para a estabilidade da justiça entre as Nações e para que se mantenha a consciência honesta dos Povos: a Paz faz disso o seu escudo. E quando suceder que os Pactos não espelhem a justiça? Então terá lugar a apologia das novas Instituições internacionais, mediadoras para consultas, para estudos e para deliberações, que devem absolutamente excluir as chamadas vias de facto; ou seja, as contendidas de forças cegas e desenfreadas, que sempre arrastam consigo vítimas e ruínas, sem culpa e sem número, e raramente alcançam o objectivo puro de reivindicar de facto uma causa verdadeiramente justa; as armas e as guerras, numa palavra, são coisas que hão-de ser excluídas dos programas da civilização. Um desarmamento sensato é uma outra armadura da Paz. Conforme dizia o profeta Isaías: «Ele julgará as nações e dará as Suas leis a muitos povos, os quais das suas espadas forjarão relhas de arados e das

suas lanças, foices» (Is. 2, 4). E ouçamos a Palavra de Cristo: «Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada, à espada perecerão» (Mt. 26, 52).»

A terminar, dirigindo-se aos «seguidores do Evangelho, no sentido próprio, e àqueles que estão ao seu serviço», Paulo VI recorda:

«O Senhor chega a ter afirmações, bem o sabemos, que parecem paradoxais. Que se nos não torne desagradável encontrar no Evangelho os cânones duma Paz, que poderíamos denominar de renúncia. Recordemos, por exemplo: «E a quem quiser citar-te em juízo para te tirar a túnica, deixa-lhe também o manto» (Mt. 5, 40). E aquela proibição de vingança não enfraquecerá a Paz? Mais: não agravará ela, em lugar de defender, a condição de ofendido? «Se Alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a esquerda» (Mt. 5, 39). Por conseguinte, nada de represálias, nada de vinganças (e isto tanto mais quanto estas coisas forem perpetradas como preventivas de ofensas não recebidas!). Quantas vezes no Evangelho nos é recomen-

dado o perdão, não como acto de vil fraqueza, ou de abdicação perante as injustiças; mas, sim, como sinal de caridade fraterna, erigida em condição para podermos obter nós mesmos o perdão, bem mais generoso e para nós necessário, da parte de Deus! (Cfr. Mt. 18, 23 ss.; Mc. 11, 25; Lc. 6, 37; Rom. 12, 14; etc.).

Recordemos o compromisso por nós assumido para a indulgência e para o perdão — que invocamos de Deus para nós, no «Pai-nosso» — por havermos posto, nós próprios, a condição e a medida da desejada misericórdia: «Perdoa-nos as nossas ofensas, como nós perdoamos a quem nos tem ofendido» (Mt. 6, 12).

Também para nós, portanto, alunos da escola de Cristo, isto constitui uma lição para meditar ulteriormente, e para aplicar com coragem confiante.

A Paz impõe-se através da paz, daquela paz nunca separada dos deveres da justiça, mas alimentada pelo sacrifício de si próprio, pela clemência, pela misericórdia e pela caridade.»

O Cinema: um perigo real

«Os cinemas estão cheios de lixo, mas a diferença entre o lixo de agora e o lixo de há trinta anos é que o actual proporciona lucros fabulosos.»

Esta frase irónica dum empresário italiano, proferida a propósito das enormes receitas de bilheteira do filme «O último tango em Paris», coloca bastante bem, apesar do seu simplismo, o problema da degradação do espectáculo cinematográfico. Não há dúvida nenhuma de que grande parte dos filmes hoje exibidos apresentam uma maioria de exibicionismo, de despudor, de violência, de sensacionalismo e sobretudo de estupidez criativa que, a não serem tomadas medidas conscientes, acabará com certeza por destruir o próprio cinema.

É evidente que esta decadência moral do cinema, tanto nos seus aspectos de cultura e informação como nos seus aspectos de espectáculo e divertimento, não é um fenómeno isolado e, por isso mesmo, não lhe pode ser assacada toda a culpa: a tela branca é sempre o reflexo da sociedade que a consome.

De facto, desde o vestuário aos jornais, desde os costumes ao comércio, tudo concorre para a total franqueza expressiva, sobretudo do corpo, aumentada com as cores e os sons duma civilização «pop» que parece ter na exibição corporal, livre de todas as peias, o seu último objectivo. Numa visão pessimista, tal tendência poderá levar à própria destruição, ao suicídio ou, pelo menos, ao desprezo pelo que de belo, de estimulante e criativo podem ter o corpo, a natureza e a imagem do Homem. A morte de Pasolini, ocorrida há poucos dias, como a morte da bela Sharon Tate, são a prova de que uma vida sem regra pode levar directamente à eliminação física.

O cinema, portanto, reflecte toda esta linha permissiva moderna e a liberdade sexual que se vê na tela é a mesma que se vê nas casas, na rua, na praia, nas lojas, em todo o lado. Só que a tela branca poderia desempenhar uma função de equilíbrio entre as pressões da vida social e a necessidade de paz interior do homem. Mas não: ainda contribui para

excitar mais o pobre espectador, já de si excitado pela vida terrível que diariamente o subjuga. No fundo, o espectador do cinema vai-se transformando num consumidor de estimulantes, de drogas, cujo fim último já sabemos qual seja: iludir a realidade para logo a tornar ainda mais difícil.

Uma vida social equilibrada e justa, um esclarecimento colectivo do público, uma vontade comum de melhoria moral, cultural e mesmo física, poderão pôr cobro a este estado de coisas, mas trata-se de tarefa longa e difícil. A censura não é solução e por isso se torna imperioso aumentar, de modo estimulante e efectivo, a educação cinematográfica do público, levando-o a agrupar-se e a repelir conscientemente aquilo que não lhe serve e a exigir o que lhe convém para melhoria da sua própria vida.

O Cardeal Marty, numa intervenção recente na França, salientou que a «pornografia é sintoma de decomposição duma sociedade». E o documento que transcreve as suas palavras acrescenta: «É simplismo tratar a pornografia como mero atentado a uma moral estreita e pudibunda. Realmente ela é um fenómeno global e um atentado à própria integridade ontológica do Homem.

«O que, de facto, está profundamente em causa é uma concepção da vida na qual o «outro», cúmplice voluntário ou involuntário, se torna um «objecto» e não um «ser». Um objecto de consumo. É a própria negação da relação. A redução da mulher, e também do homem, à escravatura. Mais que um atentado ao pudor: um atentado ao próprio ser, uma redução ao nada.»

Esta «redução ao nada», que põe em perigo o próprio cinema, pois apenas sugere elementos negativos, sem sequer propor alguma coisa em troca que efectivamente ajude o homem a tornar-se melhor, tem de ser combatida com a consciência de que nesse combate o único vencedor será o cinema que necessitamos.

Boas-Festas

O NATAL DE JESUS, NOSSO SALVADOR E PRÍNCIPE DA PAZ, É UMA NOVA ARRANCADA NA NOSSA VIDA PARA DEUS, LEVANDO CONNOSCO OS IRMÃOS. RECONCILIADOS COM DEUS E COM OS HOMENS, RENOVADOS NA FÉ E NA ESPERANÇA, OLHEMOS O FUTURO, QUE TODOS DESEJAMOS DE FELICIDADE, DE PROGRESSO, DE ALEGRIA E DE PAZ.

AO COLO DA MÃE, A SENHORA DA FÁTIMA QUE QUER SALVAR PORTUGAL, SERÁ MAIS AUSPICIOSO O NOSSO VIVER.

A «VOZ DA FÁTIMA» DESEJA A TODOS OS SEUS LEITORES E AMIGOS DO SANTUÁRIO, PARTICULARMENTE AOS CHEFES DE TREZENA E DEMAIS APÓSTOLOS DA DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA UM NATAL REPLETO DAS MAIS ABUNDANTES BÊNÇÃOS DE JESUS, E UM NOVO-ANO DE PAZ E DE GRAÇA SEGUNDO O ESPÍRITO DO SENHOR.

BOAS-FESTAS! FELIZ NATAL! BOM ANO!